

## “ESCLARECIMENTO SOBRE OS PIRRÔNICOS” DICIONÁRIO HISTÓRICO E CRÍTICO

**PIERRE BAYLE**

Tradução: Flavio Fontenelle Loque (UNIFEI) *E-mail*: flavioloque@yahoo.com

Tradução das citações latinas: Fábio Fortes (UFJF) *E-mail*: fabiosfortes@yahoo.com.br

Revisão técnica: Plínio Junqueira Smith (UNIFESP) *E-mail*: plinio.smith@gmail.com

Obra de referência: BAYLE, P. *Dictionnaire Historique et Critique* Nouvelle Édition Genève: Slatkine Reprints, 1969. (Réimpression de l'édition de Paris, 1820-1824)

### IIIº Esclarecimento

*Que o que foi dito do pirronismo neste Dicionário não pode prejudicar a religião*

I. Estabeleço, primeiramente, como a base deste terceiro esclarecimento, esta máxima certa e incontestável: *que o cristianismo é de uma ordem sobrenatural e que seu elemento fundamental é a autoridade suprema de Deus propondo-nos mistérios não a fim de que os compreendamos, mas a fim de que creiamos neles com toda a humildade que se deve ao ser infinito, que não pode nem enganar nem ser enganado.* Essa é a estrela polar de todas as discussões e de todas as disputas sobre os artigos da religião que Deus nos revelou por Jesus Cristo.

Daí resulta necessariamente a incompetência do tribunal da filosofia para o julgamento das controvérsias dos cristãos, visto que elas devem ser levadas apenas ao tribunal da revelação.

Toda disputa sobre a questão de direito merece a rejeição desde a primeira palavra. Não se deve aceitar que se examine se é preciso crer no que Deus ordena crer. Isso deve ser tomado como um primeiro princípio em matéria de religião. Cabe aos

metafísicos examinar se há um Deus e se ele é falível<sup>452</sup>, mas os cristãos, enquanto cristãos, devem supor que essa é uma coisa já julgada.

Trata-se apenas, portanto, da questão de fato, saber se Deus quer que creiamos nisto ou naquilo. Dois tipos de pessoas podem duvidar disso: uns porque não crêem que a Escritura seja divina, outros porque não crêem que o sentido da revelação seja este ou aquele.

Toda a disputa, portanto, que os cristãos podem admitir com os filósofos é sobre essa questão de fato, se a Escritura foi composta por autores inspirados por Deus. Se as provas que os cristãos apresentam sobre esse assunto não convencem os filósofos, a contenda deve ser interrompida, pois seria inútil descer ao exame particular da Trindade, etc., com pessoas que não reconheceriam a divindade da Escritura, o único e exclusivo meio para julgar quem está errado e quem tem razão em controvérsias semelhantes. A autoridade revelada deve ser o princípio comum dos disputantes neste tópico e, assim, não há mais disputa, quando uns não admitem esse princípio e outros o admitem. *Adversus negantem principia non est disputandum* [Contra aquele que nega, não se devem discutir os princípios].

Se aqueles que não o admitem se obstinarem em bradar e em disputar, deve-se responder a eles friamente: “Vós saís da questão”, *non feritis thesim, non probatis negatum* [se não sustentais a tese, não provais a negação] e, se eles zombarem dessa resposta, é preciso ter piedade de suas zombarias.

II. Ora, de todos os filósofos que não devem ser aceitos para disputar sobre os mistérios do cristianismo antes de terem admitido a revelação como regra, não há tão indignos de serem escutados como os seguidores do pirronismo, pois são pessoas que fazem profissão de não admitir nenhum signo certo de distinção entre o verdadeiro e o falso, de modo que se, por acaso, a verdade se mostrasse a eles, jamais poderiam afirmar que era a verdade. Eles não se contentam em combater o testemunho dos sentidos, as máximas da moral, as regras da lógica, os axiomas da metafísica, eles buscam também inverter as demonstrações dos geômetras e tudo o que os matemáticos podem produzir de mais evidente. Caso se detivessem nos dez modos da *epokhé* e se limitassem a empregá-los contra a física, poder-se-ia ainda negociar com eles, mas eles

---

<sup>452</sup> Vede acima a observação (L) do segundo artigo MALDONAT, tom. X, pag. 166. [As notas suplementares, marcadas com asterisco no original, estão dispostas entre colchetes ao longo do texto. (N. do T.)]

vão muito mais longe, têm um tipo de arma que chamam *dialelo*<sup>453</sup> e que empunham na primeira necessidade. Por isso é impossível lhes oferecer resistência sobre o que quer que seja. É um labirinto no qual nenhum fio de Ariadne pode fornecer qualquer socorro. Eles mesmos se perdem em suas próprias sutilezas e ficam contentes, visto que isso serve para mostrar mais nitidamente a universalidade de sua hipótese de que tudo é incerto, da qual não excetuam sequer os argumentos que atacam a incerteza. Vai-se tão longe pelo seu método que aqueles que bem penetraram em suas consequências são obrigados a dizer que não sabem se existe alguma coisa<sup>454</sup>.

Os teólogos não devem ter vergonha de confessar que não podem entrar em conflito com tais disputantes e que não querem expor as verdades evangélicas a um combate desse tipo. O barco de Jesus Cristo<sup>455</sup> não foi feito para navegar nesse mar tempestuoso, mas para se manter abrigado dessa tempestade no porto da fé. Aproveu ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, devem dizer os cristãos, conduzir-nos pelo caminho da fé e não pelo caminho da ciência ou da disputa. Eles são nossos doutores e nossos diretores, não poderíamos nos extraviar com tais guias e a própria razão nos ordena a preferi-los à sua direção.

Entretanto, não é bem escandaloso, dir-me-ão, que tenhais relatado sem refutar a opinião de um abade, segundo a qual o pirronismo encontra nos dogmas dos cristãos vários argumentos que o tornam mais temível do que era? Respondo que isso só pode escandalizar pessoas que não examinaram suficientemente a natureza do cristianismo. Seria um pensamento bem falso imaginar que Jesus Cristo teve algum tipo de intenção de favorecer direta ou indiretamente uma parte das seitas dos filósofos nas disputas que ela tinha com as outras. Sua intenção foi, antes, confundir toda a filosofia e mostrar a vaidade dela. Ele quis que seu Evangelho chocasse não somente a religião dos pagãos, mas também os aforismos da sabedoria deles e, não obstante o contraste entre seus princípios e aqueles do mundo, ele triunfou sobre os gentios pelo ministério de um pequeno número de ignorantes que não empregavam nem a eloquência, nem a dialética, nem qualquer dos instrumentos necessários a todas as outras revoluções. Ele quis que seus discípulos e os sábios deste mundo estivessem tão diametralmente opostos que se tratassem reciprocamente como loucos, quis que, como seu Evangelho parecia uma

---

<sup>453</sup> Vede Sexto Empírico, *Pyrrhon. Hypotyp.*, lib. I, cap. XIV; lib. II, cap. IV.

<sup>454</sup> Vede o que Sexto Empírico, *Adv. Math.*, lib. VII, relata acerca de Górgias de Leontino; e, acima, a observação (E) do artigo ZENÃO DE ELÉIA, pag. 36.

<sup>455</sup> “Nacelle de Saint Pierre” é uma metáfora para designar a Igreja Católica Romana. Ao que parece, “nacelle de Jésus-Christ” tem o mesmo sentido. (N. do T.)

loucura para os filósofos, a ciência destes, por sua vez, parecesse uma loucura para os cristãos. Lede bem estas palavras de São Paulo: “Jesus Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar [2 *Pietr.* I, 16. *Infr.* 2, I, 4, 13] o Evangelho, e *pregá-lo* sem *utilizar* a sabedoria da palavra para não aniquilar a cruz de Jesus Cristo, pois a palavra da cruz é uma loucura para aqueles que se perdem, mas, para aqueles que se salvam, isto é, para nós, é a virtude [Rom. I, 16] e o poder de Deus. Por isso está escrito [Isai. 29, 14]: destruirei a sabedoria dos sábios, abolirei a ciência dos sábios [*Ibid.*, 33, 18]. Onde estão os sábios? Onde estão os doutores da lei? Onde estão aqueles que buscam *com tanta curiosidade as ciências* deste século? Deus não tornou loucura a sabedoria deste mundo? Pois Deus, vendo que o mundo com a sabedoria *humana* não o havia reconhecido *nas obras* da sabedoria *divina*, aprouve-lhe salvar pela loucura da pregação aqueles que acreditassem nele. Os judeus pedem milagres, os gentios buscam sabedoria. E, quanto a nós, pregamos Jesus Cristo crucificado, que é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios, mas que é a força de Deus e a sabedoria de Deus para aqueles que são chamados, sejam judeus ou gentios, porque o que parece em Deus uma loucura é mais sábio que *a sabedoria de todos* os homens, e o que parece em Deus uma fraqueza é mais forte que *a força de todos* os homens. Considerai, meus irmãos, aqueles entre vós que Deus chamou à fé: há poucos sábios segundo a carne, poucos poderosos, poucos nobres. Entretanto, Deus escolheu os menos sábios segundo o mundo para confundir os sábios; escolheu os fracos segundo o mundo para confundir os poderosos; escolheu os mais vis e os mais desprezíveis segundo o mundo e o que não era nada para destruir o que havia *de maior* a fim de que nenhum homem se glorificasse diante dele. Pois é por ele que vós sois estabelecidos em Jesus Cristo, que nos foi dado por Deus [Jer., 23, 5] para ser nossa sabedoria, nossa justiça, nossa santificação e nossa redenção, a fim de que, segundo está escrito [*Id.*, 9, 23, 24. 2 *Cor.*, 10, 17]: quem se glorifica se glorifique *apenas* no Senhor<sup>456</sup>. Quanto a mim, meus irmãos, quando vim a vós para anunciar-vos o Evangelho [*Sup.*, I, 17] de Jesus Cristo, não vim aqui com os discursos elevados de uma eloquência e de uma sabedoria *humana*, pois não fiz profissão de saber outra coisa entre vós senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado. E, enquanto estive [*Act.*, 18, I] entre vós, sempre estive num estado de fraqueza, de receio e de tremor. Não utilizei, falando-vos e pregando a vós, discursos persuasivos da sabedoria humana, mas os efeitos sensíveis [2 *Petr.*, I, 16] do espírito e da virtude *de Deus* a fim de que vossa fé

---

<sup>456</sup> *Primeira carta aos Coríntios*, cap. I, vers. 17 e seguintes. Sirvo-me da tradução de Mons.

não se estabeleça sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus. Pregamos, entretanto, a sabedoria para os perfeitos, não a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se destroem; mas pregamos a sabedoria de Deus contida em *seu* mistério, a *sabedoria* escondida que ele havia predestinado e preparado antes de todos os séculos para a nossa glória, que nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, pois, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor e o rei da glória; e acerca da qual está escrito [Is., 64, 4]: o olho não viu, o ouvido não escutou e o coração do homem jamais concebeu o que Deus preparou para aqueles que o amam. Para nós, porém, Deus a revelou por seu Espírito, porque o Espírito penetra tudo e até o que há em Deus de mais profundo e de mais escondido. Pois quem dos homens conhece o que está no homem, senão o espírito do homem que está nele? Assim, ninguém conhece o que está em Deus senão o Espírito de Deus. Ora, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito de Deus, a fim de conhecermos os dons que Deus nos fez e nós os anunciamos não com os discursos que a sabedoria humana ensina, mas com aqueles que o Santo Espírito ensina [Sap., I, 17, 2, I, 4, 2. Pier., I, 16], tratando espiritualmente as coisas espirituais. Ora, o homem animal e carnal não é capaz das coisas que o Espírito de Deus ensina: elas lhe parecem uma loucura e ele não pode compreendê-las, porque é por uma luz espiritual que se deve julgá-las<sup>457</sup>.

III. Acreditais que, se tivesse sido dito aos apóstolos que sua doutrina exporia os filósofos dogmáticos a novos ataques da parte dos pirrônicos, eles teriam se preocupado? Não nos desgastemos com disputas dessas pessoas, eles teriam dito, deixemos os mortos sepultar os mortos; quanto mais eles se baterem e oprimirem uns aos outros, melhor poder-se-á reconhecer a vaidade de sua pretensa ciência. Eles jamais serão capazes, nem os dogmáticos nem os céticos, de entrar no reino de Deus, se não se tornarem crianças pequenas, se não mudarem de máximas, se não renunciarem à sua sabedoria, se não fizerem ao pé da cruz, à pretensa loucura de nossa pregação, um holocausto de seus vãos sistemas. Eis o velho homem do qual devem principalmente se despojar antes de estar em condição de receber o dom celeste e de entrar nas vias da fé, a rota escolhida por Deus para a salvação eterna. Se os pirrônicos abusam de nossos mistérios para se enraizar ainda mais na incerteza e se nos opõem argumentos *ad hominem*, pior para eles, a menos que Deus se sirva dos extravios para lhes fazer compreender bem a necessidade da submissão à sua palavra. É o que São Paulo e seus

---

<sup>457</sup> Primeira carta aos Coríntios, cap. II, vers. I e seguintes.

colegas teriam respondido a dificuldades semelhantes. Deve-se estar muito persuadido de que, se houvesse chegado a ocasião de apresentar a decisão deles sobre a natureza da filosofia pagã com relação às dificuldades ou às facilidades da conversão ao Evangelho, eles teriam definido positivamente que o método, os princípios, os usos e as disputas dos peripatéticos, dos acadêmicos, etc., seriam um obstáculo tão grande à fé que os mais necessários preâmbulos para entrar no reino de Deus seriam esquecer, ou colocar à parte, toda essa tralha de falsa ciência<sup>458</sup>. Creio que teriam definido isso para o tempo presente e para o tempo futuro.

Citei um homem que parece crer que as sutilezas das escolas de filosofia podem encontrar tempos favoráveis para servir à propagação da verdadeira fé. *Pode ser*, diz ele<sup>459</sup>, *que esses doutores sutis eram necessários ao mundo, digo, ao mundo curioso, ao mundo disputador, ao mundo contraditor. Talvez eles tenham entrado na intenção da providência de Deus para a consumação do reino de seu filho, para a máxima perfeição da economia de sua igreja. Vós sabeis que o filho de Deus enviou diversos apóstolos a diversos povos. Sabeis que todas as missões que ordenou não foram feitas ao mesmo tempo e pelos doze primeiros enviados. Jamais lhe faltaram e jamais lhe faltarão embaixadores semelhantes: ele sempre tem quem esteja completamente pronto para receber suas ordens, executar seus mandamentos, partir para os combates de seu serviço. Há mais de um São Pedro e mais de um São Paulo, não devemos duvidar disso. Há também mais de um São Tomás. E, na vossa opinião, não teria ele enviado o São Tomás dos últimos tempos aos sucessores de Aristóteles a fim de tratá-los segundo o temperamento deles e de convertê-los, conforme o modo deles, a fim de ganhá-los por meio de seus silogismos e de sua dialética? Esse São Tomás da escola não teria sido escolhido para ser o apóstolo da nação dos peripatéticos, que ainda não estava bem submetida e bem domada? Nação presunçosa e renitente, que defere tão pouco à autoridade, que sempre se funda na razão, que pergunta sempre o porquê das coisas, que é tão impaciente com o repouso, tão inimiga da paz, tão aberta às coisas novas. Parece-me que esta última missão não foi inútil e que há alguma plausibilidade no que digo. Se não há um pouco de ironia nesse discurso, se tudo foi colocado nele com um ar sério, é*

---

<sup>458</sup> Estas palavras de Jesus Cristo no *Evangelho de São João*, cap. III, vers. 3, *A menos que alguém nasça novamente, não pode ver o reino de Deus*, são verdadeiras principalmente com relação aos filósofos. Eles têm mais necessidade de renascer que os outros homens, é-lhes necessária uma regeneração enquanto homens e uma outra enquanto filósofos.

<sup>459</sup> Balzac, *Socrate Chrétien*, disc. V, p. m. 78 e seguintes.

*um grande nada contido em grandes palavras.*

Todos os séculos pedem e pedirão que se busque o conhecimento das verdades reveladas por rotas diferentes daquelas da filosofia. A filosofia não cura o espírito flutuante do qual se deve ser curado, se queremos que a prece nos traga a verdadeira sapiência. Citemos aqui um apóstolo. *Se falta sabedoria a algum de vós, que a peça a Deus, que dá a todos generosamente sem censurar o que faz, e a sabedoria lhe será dada. Entretanto, que a peça com fé sem dúvida alguma, pois aquele que duvida é semelhante ao fluxo do mar, que é agitado e levado para um lado e para outro pela violência do vento. Não é preciso, portanto, que este aqui imagine que obterá alguma coisa do Senhor*<sup>460</sup>. Julgai, eu vos peço, se os pirrônicos, que estão sempre mais próximos de seus princípios quanto mais os esforços que empregam para inventar razões de duvidar de tudo os fazem ter sucesso para encontrar objeções sedutoras contra a certeza, são sujeitos suscetíveis à graça pela via da disputa. Os missionários modernos do Evangelho devem tratá-los como os primeiros teriam feito: devem adverti-los a se desfazer de todo espírito de contestação e a crer em Deus com base em sua palavra e, em caso de indocilidade, devem lembrar-se, de uma maneira especial, deste preceito do grande São Paulo e aplicá-lo a essas pessoas: *Reprima as loucas questões, genealogias, contendas e debates da lei, pois são inúteis e vãos. Rejeite o homem herético após a primeira e segunda admoções*<sup>461</sup>. Seria bom ver nossos tomistas e escotistas tentar converter o novo mundo sustentando teses como na Europa. Eles se tornariam, desse modo, convertedores muito pobres. O Sr. Balzac não pensava nisso ou zombava seriamente dos escolásticos; suas disputas públicas não mudam ninguém, cada um se retira com as mesmas opiniões que havia trazido. Caso se propusessem aos sábios da China as explicações tomistas de nossos mistérios e se eles perguntassem “Como acreditaremos nessas coisas, dado que delas não temos nenhuma idéia?”, agir-se-ia bem em remetê-los, não a uma disputa, mas a uma resposta bastante semelhante àquela que o anjo Gabriel deu à Virgem<sup>462</sup>.

Hoje, tanto quanto no tempo de Lactâncio, pode-se afirmar que a busca da verdadeira religião deve ser feita dirigindo-se à pretensa e aparente loucura sob a qual

---

<sup>460</sup> *Epístola de São Tiago*, cap. I, vers. 5 e seguintes, versão de Mons.

<sup>461</sup> *Epístola a Tito*, cap. III, vers. 9 e 10.

<sup>462</sup> Como se fará isso, visto que não conheço o homem? E o anjo, respondendo, disse-lhe: O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do soberano te cobrirá como uma sombra. *Evangelho de São Lucas*, cap. I, v. 34-35.

Deus escondeu os tesouros de sua sabedoria<sup>463</sup>. *Quid putemus fuisse causæ, cur tot ingeniis, totque temporibus summo studio et labore quæsitæ (sapientia) non reperiretur; nisi quod eam philosophi extra fines suos quæsierunt? Qui quoniam peragratis, et exploratis omnibus, nusquam nullam sapientiam comprehenderunt, et alicubi esse illam necesse est: apparet, illic potissimum esse quærendam, ubi STULTITIÆ titulus apparet; cujus velamento Deus, ne arcanum summi sui divini operis in propatulo esset, thesaurum sapientiæ ac veritatis abscondit*<sup>464</sup> [O que podemos pensar que seja a causa, por que (a sabedoria) não teria sido encontrada por tantos espíritos em tantas épocas, apesar de ter sido buscada com a máxima dedicação e esforço, a não ser pelo fato de que os filósofos a buscaram além de suas próprias fronteiras? Ora, já que esses que, tendo percorrido e explorado todas as coisas, em nenhuma parte apreenderam a sabedoria, e sendo necessário que ela esteja em alguma parte, é evidente que se deve, preferivelmente, procurá-la aí, onde se apresenta o título de LOUCURA, sob cujo véu Deus ocultou o tesouro da sabedoria e da verdade, a fim de que o mistério de sua grandiosa obra divina não estivesse à vista de todos]. O mesmo Lactânncio observou judiciosamente noutra lugar que é da majestade suprema de Deus falar como mestre e dizer em poucas palavras, “Isso é verdadeiro”, e não argumentar e juntar algumas provas a suas decisões. *Quæ (divina) quidem tradita sunt breviter, ac nude, nec enim decebat aliter: ut cum Deus ad hominem loqueretur, argumentis assereret suas voces, tanquam fides ei non haberetur: sed ut oportuit, est locutus, quæse rerum omnium maximus iudex; cujus est non argumentari, sed pronuntiare verum*<sup>465</sup> [As coisas divinas, com efeito, foram transmitidas de forma breve e em termos simples, e, de fato, não era conveniente que fosse de outro modo: como se Deus, ao se dirigir ao ser humano, precisasse sustentar com argumentos as suas palavras, como se não se tivesse fé nele. Porém, conforme foi necessário, ele falou como um supremo juiz de todas as coisas, a quem não é dado argumentar, mas proferir a verdade]. Se Sêneca disse que não há nada mais frio que uma lei com um prólogo e que não é preciso que uma lei dispute, mas que comande; se Sêneca, digo, falou assim das leis humanas, com uma razão mais forte deve-se dizê-lo da lei de Deus. *Non probó, quod Platonis legibus adjecta principia sunt. Legem enim brevem esse oportet, quo facilius ab imperitis teneatur, velut emissa divinitus vox sit; jubeat, non disputet. Nihil videntur mihi frigidius, nihil ineptius, quam*

---

<sup>463</sup> Escuta-se isso com relação aos infiéis.

<sup>464</sup> Lactant., lib. IV, cap. II, p. m. 226.

<sup>465</sup> Idem, lib. III, cap. I, pag. 149.

*lex cum prólogo. Mone, dic quid me velis fecisse: non disco, sed pareo*<sup>466</sup> [Não aprecio que às leis de Platão se acrescentem princípios. De fato, é preciso que uma lei seja breve, a fim de que seja apreendida de modo mais fácil pelos ignorantes, como se a palavra proferida fosse inspirada pelos deuses: que ela ordene, não discuta. Nada me parece mais frouxo, nada mais inepto, do que uma lei com preâmbulo. Advirta, diga o que queres que eu faça: não estou aprendendo, mas obedecendo].

De tudo que acabo de dizer, é fácil concluir que não se pode ficar alarmado com as objeções pirrônicas sem deixar transparecer a fragilidade de sua fé e sem tomar no mau sentido o que seria preciso aceitar pelo lado bom.

IV. Um verdadeiro fiel, um cristão, que conheceu bem o gênio de sua religião não espera vê-la conforme os aforismos do liceu, nem capaz de refutar, unicamente pelas forças da razão, as dificuldades da razão. Ele bem sabe que as coisas naturais não são proporcionais às sobrenaturais e que, se fosse pedido a um filósofo que colocasse no mesmo nível e em conformidade os mistérios do Evangelho e os axiomas dos aristotélicos, exigir-se-ia dele o que a natureza das coisas não tolera. É preciso necessariamente optar entre a filosofia e o Evangelho: se vós não quereis crer em nada senão no que é evidente e conforme às noções comuns, tomai a filosofia e deixai o cristianismo; se quereis crer nos mistérios incompreensíveis da religião, tomai o cristianismo e deixai a filosofia, pois possuir conjuntamente a evidência e a incompreensibilidade é o que não se pode; a combinação dessas duas coisas não é mais impossível que a combinação das propriedades da figura quadrada e da figura redonda. É necessariamente preciso optar: se as propriedades de uma mesa redonda não vos comprazem, exigi que seja feita uma quadrada e não pretendais que a mesma mesa vos forneça as propriedades de uma mesa redonda e aquelas de uma mesa quadrada. Uma vez mais, um verdadeiro cristão, bem instruído da natureza das verdades sobrenaturais e bem assentado sobre os princípios que são próprios ao Evangelho, apenas zombará das sutilezas dos filósofos e, sobretudo, daquelas dos pirrônicos. A fé o colocará acima das regiões onde reinam as tempestades da disputa<sup>467</sup>. Ele se verá numa posição onde escutará ressoar abaixo de si o trovão dos argumentos e das *distinguo* [dissensões] e não

---

<sup>466</sup> Seneca, Epist. XCIV, pag. m. 388.

<sup>467</sup> *Ut altus Olympi / Vertex, qui spatio ventos hiemesque relinquit, / Perpetuum nulla temeratus nube serenum, / Celsior exurgit pluviis auditque ruentes / Sub pedibus nimbos, et rauca tonitrua / calcat.* [Como o alto do Olimpo / o píncaro, que, à distância, se livra dos ventos e dos invernos, / profanado por nenhuma nuvem, a perpétua serenidade, / Eleva-se mais alto que as chuvas e ouve precipitarem / sob seus pés as borrascas, e os roucos trovões / pisa] Claudian., *de Mall. Theod. Consul.*, v. 206, pag. m. 6.

será abalado; posição que será para ele o verdadeiro Olimpo dos poetas e o verdadeiro templo dos sábios<sup>468</sup>, do qual verá, numa perfeita tranquilidade, as fraquezas da razão e o extravio dos mortais que seguem apenas esse guia. Todo cristão que se deixa desconcertar pelas objeções dos incrédulos e que com elas fica escandalizado tem um pé na mesma fossa que eles.

V. O que direi sobre isso poderá nos ensinar como é importante conhecer o bom uso das coisas. Muitas pessoas perguntaram qual a utilidade dessa exposição de dificuldades pirrônicas e maniqueístas. Eles teriam encontrado a resposta a essa questão se a tivessem buscado em meu Dicionário, no qual ela apareceu em cem lugares, e, notadamente, na observação (C) do artigo PIRRO<sup>469</sup>, tomo XII, página 105. Entretanto, já que não quiseram ou não puderam estar atentos a isso, examinemos aqui mais amplamente a dificuldade deles. Eu não vejo bem do que poderiam razoavelmente se queixar, se me contentasse em lhes perguntar para que servem tantos detalhes que os historiadores nos dão. Não é certo que dão detalhes cuja utilidade toda consiste em agradar aos leitores e que podem até ser nocivos nas mãos daqueles que abusam das melhores coisas? Isso dispensa os historiadores da obrigação de relatar a verdade com toda a exatidão possível? Não é preciso então que um historiador das opiniões mostre exata e amplamente o forte e o fraco, mesmo que assim engendre, por acidente, alguma desordem? Mesmo que não engendre outro bem senão o divertimento dos leitores e um exemplo da consideração que se deve ter pelas leis da arte histórica? Esta não é, porém, nem a única nem a principal resposta que tenho para dar.

Nada é mais necessário que a fé e nada é mais importante que conhecer bem o preço dessa virtude teologal. Ora, há algo mais adequado para nos fazer conhecê-la do que meditar sobre o atributo que a distingue dos outros atos do entendimento? Sua essência consiste em nos ligar por uma forte persuasão às verdades reveladas e a nos ligar a elas por um único motivo: a autoridade de Deus. Aqueles que crêem por razões filosóficas na imortalidade da alma são ortodoxos, mas, até esse ponto, não têm parte alguma na fé de que falamos. Só têm parte enquanto crêem nesse dogma porque Deus o revelou a nós e porque submetem humildemente à voz de Deus tudo que a filosofia lhes

---

<sup>468</sup> *Nil dulcius est, bene quam munita tenere / Edita doctrina Sapientum templa serena; / Despicere unde queas alios, passimque videre / Errare, atque viam palanteis querere vitæ.* [Nada é mais doce que conquistar os bem fortificados / templos produzidos pela serena doutrina dos sábios; / de onde possas contemplar os outros abaixo e vê-los, aqui e ali / Errarem, e buscarem, vagando, o caminho da vida] Lucret., lib. II., vers. 7.

<sup>469</sup> Vede também a observação (G) do artigo Zenão de Eléia, pag. 41 acima. [Bayle, P. Artigo “Pirro” do Dicionário Histórico e Crítico Trad. P. Smith *Sképsis* n. 2 (2007) pp. 149-170 (N. do T.)]

apresenta de mais plausível para persuadi-los da mortalidade da alma. Assim, o mérito da fé torna-se maior à proporção que a verdade revelada, que é seu objeto, ultrapassa todas as forças de nosso espírito, pois, à medida que a incompreensibilidade desse objeto aumenta pelo grande número de máximas da luz natural que a combate, é preciso sacrificar à autoridade de Deus uma mais forte repugnância da razão e, por conseguinte, nós nos mostramos mais submissos a Deus e nós lhe damos maiores marcas de nosso respeito do que se a coisa fosse medianamente difícil de crer. Donde vem, eu vos pergunto, que a fé do patriarca dos crentes foi de tamanho relevo? Não é porque *ele acreditou sob a esperança contra a esperança*<sup>470</sup>? Não teria havido muito mérito em esperar a partir da promessa de Deus uma coisa naturalmente muito verossímil: o mérito, portanto, consistia em que a esperança sobre essa promessa era combatida por todo tipo de aparências. Digamos também que a fé de mais alto valor é aquela que, a partir do testemunho divino, abraça as verdades mais opostas à razão.

Deu-se a esse pensamento um ar ridículo e que vem da mão de um mestre. *O diabo me levaria, se eu não acreditasse em nada*, foi dito ao Marechal d'Hocquincourt. *Desde esse tempo, eu me deixaria crucificar pela religião. Não é que eu veja nela mais razão; ao contrário, menos do que nunca, mas eu apenas poderia vos dizer que me deixaria, contudo, crucificar sem saber o porquê. Tanto melhor, senhor, responde o padre, com um semblante bastante devoto, tanto melhor; esses não são movimentos humanos, isso vem de Deus. Nada de razão! Essa é a verdadeira religião! Nada de razão! Deus voz fez, senhor, uma bela graça! Estote sicut infantes, sede como as crianças. As crianças mantêm a inocência, e por quê? Porque elas não têm razão. Beati pauperes spiritu, bem-aventurados são os pobres de espírito. Eles não pecam e a razão é que eles não têm razão. Nada de razão, é o que eu poderia vos dizer: Não sei o porquê. As belas palavras! Elas deveriam estar escritas em letras de ouro. Não é que aí eu veja mais razão; ao contrário, menos do que nunca! Em verdade, isso é divino para aqueles que têm o gosto das coisas do Céu. Nada de razão! Deus vos concedeu, senhor, uma bela graça*<sup>471</sup>! Caso se dê um ar mais sério e mais modesto a esse pensamento, ele se tornará razoável. Eis a prova. Extraio-a de uma obra na qual examinaram-se alguns pensamentos do Sr. Saint-Évremond; este entre outros: que nosso entendimento não está bastante convicto da religião.

---

<sup>470</sup> *Epístola aos Romanos*, cap. IV, vers. 18.

<sup>471</sup> *Conversa do Marechal d'Hocquincourt com o padre Canaye*, nas *Œuvres mêlées* do Sr. Saint-Évremond, tom. IV, pag. 209, ed. de Hollande, 1693.

“Para responder claramente a isso, é preciso observar um princípio comum entre os teólogos. O espírito é levado à crença nos mistérios de uma maneira totalmente diferente daquela que o conhecimento evidente das coisas naturais lhe dá. Ele conhece essas últimas por demonstração e crê nos mistérios fundado sobre os motivos *de credibilidade*, tal como são os milagres que Jesus Cristo e os apóstolos fizeram, a crença unânime de todos os fiéis há dezessete séculos, etc. Todos esses motivos devem nos levar a crer *prudently* na fé que a Igreja nos propõe e isso explica bem estas palavras de São Paulo: *vemos na vida presente os mistérios como enigmas, esperando vê-los evidentemente no céu*. Entretanto, o Sr. S.-É. pede demonstrações. Ele, portanto, não quer a fé. São Tomás [1ª parte, *qu.* I, *a* 8, *ad* 2] diz expressamente em alguns lugares de sua Suma *que ninguém deve se colocar em condição de demonstrar os mistérios da religião* e acrescenta em outros capítulos que, *quando os padres provaram a fé, não pretenderam que suas razões fossem demonstrativas, mas somente motivos sólidos para nos levar a crer nos artigos que nos são propostos*. Por que, diz o Sr. S.-É., não esclarecer nossa razão? Como diz São Tomás, é porque a razão deve se submeter à fé. Neste ponto, vêm-me à mente algumas palavras de Pierre de Blois na sua epístola 140, escrita a Pierre, o Diácono, que estava junto do rei da Inglaterra. Após ter lhe falado do mistério da transubstanciação: *a razão, acrescenta ele, não vai até lá; mas nós vamos até lá pela fé e por uma fé que é tanto mais forte quanto não é sustentada pela razão natural. A razão se enfraquece onde a fé se fortifica, a razão sucumbe a fim de que a fé seja mais meritória. Contudo, acrescenta esse padre, não creiais que a razão inveje a superioridade da fé; ao contrário, submete-se a ela livremente e com humildade. Ela retomará suas luzes no céu, onde a fé não existirá mais. Então, a razão colherá o que a fé semeia na vida presente, e é justo que ela tenha o fruto da fé, pois presentemente aniquila a si mesma para deixá-la reinar em toda sua extensão*<sup>472</sup>. ”

VI. Eis o que dizem os católicos romanos: negai-lhes a Transubstanciação e dai-lhes a Trindade, por exemplo, que os teólogos protestantes mais ortodoxos lhes subscreverão de bom grado. Citarei dois protestantes cujo testemunho terá ainda mais peso por serem de uma profissão que não tem a reputação de uma escola na qual se aprende melhor que em outras a rebaixar a razão e a elevar a fé. Um deles é médico; o outro é matemático. O primeiro declara que, quando medita sobre os mistérios, detém-

---

<sup>472</sup> Dissertação sobre as *Œuvres* do Sr. Saint-Évremond, pag. 249 e seguintes, edição de Paris, 1698.

se sempre a partir do momento em que a razão chega a este ponto, *ó profundidade*<sup>473</sup>! Ele assegura que, se a razão rebelde ou Satã trabalham para perturbá-lo, ele se liberta de todas as ciladas por meio deste único paradoxo de Tertuliano: “Isso é certo, porque é impossível”. *Nodos illos de Trinitate, Incarnatione, et Resurrectione, animi relaxandi gratia, mecum interdum solitarius meditor, mentemque in his comprehendendis exercere soleo. Quæcumque mihi, aut Satanas, aut ratio rebellis objiciat, ea omnia uno illo paradoxo Tertulliani concilio et expedio, Certum est, quia impossibile*<sup>474</sup> [Quando estou solitário, medito comigo mesmo sobre aqueles enigmas da Trindade, da Encarnação e da Ressurreição, somente para distrair o espírito, e costumo exercitar a mente tentando compreendê-los. O que quer que me faça objeção, seja Satanás, seja a razão rebelde, resolvo e desembaraço com este único paradoxo de Tertuliano: *é certo, porque impossível*]. Há pessoas, continua ele, que crêem mais facilmente porque viram o sepulcro de Jesus Cristo e o mar vermelho, mas, quanto a mim, felicito-me por não ter visto nem Jesus Cristo, nem seus apóstolos e não ter vivido no tempo dos milagres: minha fé, então, teria sido involuntária e eu não tomaria parte nesta benção, *Bem-aventurados são aqueles que não viram e creram*. Ele concebe uma idéia elevada da fé daqueles que viviam antes de Jesus Cristo, pois, ainda que tivessem apenas sombras e modelos, e alguns oráculos obscuros, eles esperavam coisas que pareciam impossíveis. *Sunt qui promptius credunt, quod Christi sepulchrum spectaverint, marique Rubro viso de miraculo nihil dubitant. Ego vero mihi gratulor, quod in miraculorum tempore non vixerim, quod nunquam aut Christum, aut Discipulos viderim, quod nec cum Israelitis mare Rubrum transierim, nec in eorum numero fuerim quos Christus per miracula sanavit: hic enim mihi nolenti volenti credendum fuisset, nec ad me pertinuisset benedictio de omnibus illis pronunciata, qui non videntes crediderint. Facilis est eorum et necessaria credulitas, quia ea credunt; quæ oculi et sensus exploraverint. Eum mortuum et sepultum resurrexisse credo, inque gloria ejus potius quam in cenotaphio et sepulchro contemplari cupio. Hæc autem credere minimum est; hanc fidem, ut æquum est, historiæ debemus. Illis erat præ cæteris nobilis et animosa fides, qui ante adventum ejus vixerant: ex obscuris enim vaticiniis, mysticisque typis credenda expiscati,*

---

<sup>473</sup> *Obscuris aliquando deviisque vestigiis mysterium aliquod libens sequor, donec ad O Altitudo ratio perveniat* [Algumas vezes, voluntariamente, persigo algum mistério, em passos obscuros e desconhecidos, até que a razão chega, ó Profundidade!] Thomas Browne, *Religio Medici*, parte I, seq. VIII, pag. m. 46.

<sup>474</sup> Idem, *ibid.*

*expectarunt ea, quæ impossibilitatem quandam præ se ferebant*<sup>475</sup> [Há aqueles que são mais dispostos a crer, porque viram o sepulcro do Cristo, que tendo visto o mar Vermelho, nada duvidam do milagre. Eu, porém, felicito-me por não ter vivido no tempo dos milagres, por nunca ter visto o Cristo ou os discípulos, por não ter atravessado com os israelitas o mar Vermelho, nem ter estado entre aqueles que o Cristo, por milagres, curou: para mim, isto teria sido crer, querendo ou não querendo, e não teria pertencido a mim a bênção pronunciada sobre todos aqueles que, sem verem, creram. É fácil e forçosa a credulidade daqueles, pois creem naquilo que os olhos e os sentidos exploraram. Creio que Ele, sepultado, ressuscitou dos mortos, e desejo contemplá-lo em sua glória, mais do que em seu cenotáfio e sepulcro. É muito pouco, porém, crer nessas coisas; como é justo, devemos essa fé à história. Mais que os outros, tinham uma fé nobre e intrépida, aqueles que eram vivos antes de sua vinda: com efeito, libertos<sup>476</sup> das profecias obscuras e dos tipos místicos, viram aquelas coisas em que deviam crer, que traziam, para diante de si, uma certa impossibilidade]. Ele diz que a fé serve de espada contra todos os nós que se encontram nos mistérios da religião, mas que, contudo, ele se serve dela antes como um escudo e que ele acha que quem está munido desse escudo será invulnerável nessas espécies de combates<sup>477</sup>. Ele relata em alguns artigos as objeções que a razão e a experiência lhe sugeriam e acrescenta que, apesar disso, sua fé é muito firme e que a fé, para ser excelente, deve persuadir sobre as coisas que estão não somente acima da razão, mas que também parecem repugnar a razão e o testemunho dos sentidos. *Verissima tamen esse hæc omnia credo, quæ tamen falsa esse mihi ratio persuadere parat... Nec fidei esse vulgaris arbitror res hujus modi credere, quæ non rationem tantum superare, sed et ipsi, et sensuum testimoniis repugnare videntur*<sup>478</sup> [Entretanto, creio que todas estas coisas são muito verdadeiras, as quais, no entanto, a razão procura me persuadir de serem falsas... Penso que não é

---

<sup>475</sup> Idem, *ibid.*

<sup>476</sup> A forma participial latina *expiscatis* tem a mesma raiz de *piscis* (“peixes”) e significa, literalmente, algo como “pescados”, “apanhados pela pesca”. No contexto, o termo parece remeter também à metáfora evangélica do “pescador de almas”: a captura significa, no caso dos cristãos, a libertação pela verdade. (N. do T.)

<sup>477</sup> *Nec durior erit metaphora, si quis dicat: Gladius fidei. Eadem tamen in hujusmodi nodis pro clypeo potius utor, quo titulo ab Apostolo insignitur: eumque invulnerabilem fore comperi, qui hoc munitus in certamen descenderit* [Não haverá metáfora mais forte, se alguém disser: espada da fé. No entanto, em embaraços dessa natureza, utilizo-a como escudo, título que é posto em relevo pelo apóstolo: sei que ele é invulnerável, quem está protegido com ele entrará em combate] Idem, *ibid.*, seç. IX, pag. 48.

<sup>478</sup> Thomas Browne, *Religio Medici*, part. I, seç. IX, pag. m. 49.

matéria da fé vulgar crer, deste modo, nas coisas que não somente estão acima da razão, mas parecem mesmo contradizê-la com os testemunhos dos sentidos].

Notai que esse escritor fala desse modo num livro intitulado *Religio Medici, A Religião do Médico*, e que, segundo o que dizem certas pessoas, poderia ser intitulado *O Médico da Religião*, obra que, em suma, fez algumas pessoas acreditarem que o autor estava um pouco afastado do reino dos céus<sup>479</sup>. Poder-se-ia, então, aplicar-lhe estas palavras do Evangelho: *Non inveni tantam fidem in Israel*, Mesmo em Israel não encontrei uma fé tão grande<sup>480</sup>.

VII. O matemático que devo citar publicou em Londres em 1699 um escrito de 36 páginas *in-4º* intitulado *Theologiæ Christianæ Principia Mathematica* [Princípios Matemáticos da Teologia Cristã]. Ele sustenta que os princípios da religião cristã são apenas prováveis e reduz a cálculos geométricos os graus de probabilidade deles e os do decréscimo dessa probabilidade. Ele considera que ela ainda pode durar mil quatrocentos e cinquenta e quatro anos, donde conclui que Jesus Cristo retornará antes desse tempo. Ele dedica a obra ao Sr. bispo de Salisberi e afirma, na sua carta dedicatória, que aqueles que o condenarão por chamar apenas de prováveis os princípios do cristianismo serão pessoas que não terão nem examinado bem os fundamentos de sua religião, nem entendido bem a natureza da fé. Donde provêm, diz ele, tantos elogios que são dados a essa virtude na Escritura e tantas recompensas que lhe são prometidas? Não é porque ela faz os homens caminharem no bom caminho, apesar dos obstáculos e dos entraves que encontram nele? Relatemos suas palavras: *Quosdam fore non dubito, majori ductos zelo quam judicio, qui meos prorsus condemnabunt labores, meque religionem potius evertere quam astruere temere nimis concludent. Illi utique omnia religionis dogmata tanquam certissima amplectentes rem christianismo indignam me præstitisse putabunt, qui ejus probabilitatem tantum evincere conatus fuerim. Illis vero ego nihil jam habeo quod dicam, nisi quod præjudiciis suis præoccupati, religionis quam profitentur fundamenta non accurate satis hactenus examinaverint, nec fidei, quæ tantopere in sacris litteris laudatur, naturam rite intellexerint. Quid enim est fides? Nisi illa mentis persuasio qua propter media ex probabilitate deducta, quasdam propositiones veras esse credimus. Si persuasio ex certitudine oriatur, tum non fides sed*

---

<sup>479</sup> Esse autor... é um melancólico, agradável em seus pensamentos, mas que, no meu juízo, busca de fato assenhorar-se da religião, como muitos outros, e talvez, enfim, não encontrará nenhuma. Patin, carta III, pag. 13, do primeiro tomo.

<sup>480</sup> *Evangelho Segundo São Mateus, cap. 8, vers. 10.*

*scientia in mente producitur. Sicut enim probabilitas fidem generat, ita etiam scientiam evertit, et e contra: Certitudo scientiam simul generat et fidem destruit. Unde scientia omnem dubitandi ansam aufert, dum fides aliquam semper hæstationem in mentis relinquit: et propterea fides tantis insignitur laudibus, tantaque sibi annexa præmia habet, quod homines, non obstantibus omnibus illis quibus premuntur scrupulis, in recto virtutis et pietatis tramite progrediantur, quæque Creatori sua omnipotenti grata futura credunt, summa ope præstare conentur: se tam paratos esse jussis quibuscunque divinis obsequi ostendunt, ut ne ea quidem quæ probabiliter tantum ab ipso proveniant, rejicere velint*<sup>481</sup> [Não tenho dúvidas de que alguns serão levados mais pelo zelo do que pelo juízo, que condenarão completamente os meus trabalhos, e concluirão muito desatinadamente que eu mais destruo do que defendo a religião. Aqueles, abraçando indistintamente todos os dogmas da religião como os mais certos, julgarão que eu sustento uma matéria que fere a dignidade do cristianismo, ao ter me esforçado para demonstrar a sua probabilidade. A eles, no entanto, já não tenho o que dizer, a não ser que, preocupados com os seus próprios preconceitos, não teriam examinado de modo suficientemente preciso os fundamentos da religião que professam, nem teriam entendido convenientemente a natureza da fé, que é louvada de tal modo nas letras sagradas. Com efeito, o que é a fé, senão aquela persuasão da mente, produzida por meios advindos de uma probabilidade, pela qual cremos que certas proposições são verdadeiras? Se a persuasão nasce da certeza, então a ciência, não a fé, se produz na mente. De fato, assim como a probabilidade gera a fé, também ela destrói a ciência e também o contrário: uma vez que a certeza gera a ciência, ela também faz desmoronar a fé. Donde a ciência faz desaparecer todo ensejo de dúvida, enquanto a fé deixa sempre alguma hesitação na mente: também por isso se enaltece a fé com tantos louvores, se lhe atribui tantas vantagens, pois os homens, não se opondo a todos aqueles escrúpulos pelos quais são oprimidos, avançarão na estrada reta da virtude e da piedade, e, crendo que tais coisas serão agradáveis ao seu Criador onipotente, tentarão com todos os recursos serem melhores: mostrar-se-ão estar tão prontos a obedecer a todas as ordens divinas, que não vão querer recusar aquelas que, apenas provavelmente, provierem dele].

VIII. Há tantas pessoas que examinam tão pouco a natureza da fé divina e que refletem tão raramente sobre esse ato do espírito que têm necessidade de ser retiradas de

---

<sup>481</sup> Johannes Craig., *Epist. dedic.*

sua indolência pelas longas listas de dificuldades que circundam os dogmas da religião cristã. É por um conhecimento vivo dessas dificuldades que se aprende a excelência da fé e do favor de Deus. Aprende-se também pela mesma via a necessidade de desconfiar da razão e de recorrer à graça. Aqueles que nunca assistiram aos grandes combates da razão e da fé e que ignoram a força das objeções filosóficas ignoram uma boa parte da obrigação que têm com relação a Deus e do método de triunfar sobre todas as tentações da razão incrédula e orgulhosa.

O verdadeiro meio de domá-la é saber que, se ela é capaz de inventar objeções, ela é incapaz de encontrar o desenlace delas e que, em suma, não é por ela que o Evangelho se estabeleceu. “Apenas a fé pode ensinar essa divina filosofia [*Veritas per Christum* [A verdade pelo Cristo] Joann. cap. I *Loquimur sapientiam quam nemo principum hujus sæculi novit* [Falamos da sabedoria que nenhum dos príncipes deste século conhece] Paul. 2, Cor. c. 6], que nenhum dos grandes do século havia ainda conhecido. Abrir os olhos para uma luz tão pura é ser esclarecido. Não foi pela força dos silogismos e dos argumentos que essa filosofia se fez ouvir pelos homens; foi por sua simplicidade e pela ignorância daqueles que a anunciaram ao mundo... A fé, tendo eximido o homem dos falsos clarões que haviam brilhado na filosofia dos pagãos, acostumou-o a não mais raciocinar sobre as coisas que Deus não quis submeter ao raciocínio e ensinou-lhe que vale mais não saber o que Deus quis lhe esconder e adorar com uma ignorância respeitosa os segredos que não nos revelou do que buscar sondar esse abismo de luzes com a temeridade de nossas conjecturas e com as fracas visões de nossa razão. Foi por esse divino raio da fé que o fiel teve prazer em sacrificar todas as insolentes curiosidades que lhe faziam examinar bastante temerariamente as obras de Deus, examinando sua natureza, e sufocar todas as visões da orgulhosa razão, que o aferra à criação para revoltá-lo contra o Criador. Foi pelos raios dessa luz toda celeste que o cristão compreendeu que valia mais submeter-se a raciocinar em matéria de religião; que a pequenez de espírito era algo mais vantajoso, para ser fiel, que toda a força da penetração do entendimento; e que a simplicidade da fé era preferível a todo o brilho da ciência, porque, enfim, as obras de Deus que mais carregam a marca de sua onipotência e de sua natureza são aquelas que menos compreendemos; assim, nada é mais justo que humilhar a razão e submetê-la às luzes da razão eterna, que é a regra de todas as razões, dado que também não há ciência que não exija submissão para o

estabelecimento de seus princípios.<sup>482</sup>” Termino com dois pensamentos muito bonitos do Sr. Saint-Évremond. “As coisas que são puramente da natureza cabe ao espírito conceber e o conhecimento delas decorre do vínculo com os objetos. As sobrenaturais, a alma as toma, afeiçoa-se a elas, apega-se a elas, une-se a elas, sem que possamos compreender. O céu preparou melhor nossos corações à impressão da graça que os nossos entendimentos àquela da luz. Sua imensidão confunde nossa pequena inteligência. Sua bondade tem mais relação com o nosso amor. Há não sei o quê no fundo de nossa alma que se move secretamente por um Deus que não podemos conhecer... Considerando bem a religião cristã, dir-se-ia que Deus quis furtá-la das luzes de nosso espírito para direcioná-la aos movimentos de nosso coração<sup>483</sup>... Desde que se tenha feito a razão não mais raciocinar sobre as coisas que Deus não quis submeter ao raciocínio, tem-se tudo o que se pode desejar. Não somente eu creio com Salomão que o silêncio do sábio vale mais neste caso que o discurso do filósofo, mas tenho mais consideração pela fé do mais estúpido camponês que por todas as lições de Sócrates<sup>484</sup>.”

Eis, parece-me, mais do que era preciso para dissipar os escrúpulos que os pretensos triunfos do pirronismo haviam feito nascer no espírito de alguns de meus leitores.

---

<sup>482</sup> Rapin, *Réflexion sur la Philosophie*, pag. m. 447.

<sup>483</sup> Saint-Évremond, *Œuvres mêlées*, tom. III, pag. m. 51.

<sup>484</sup> Idem, *ibid.*, tom. II, pag. 24.